

# ENTREVISTA

## Humberto Pereira: o agricultor não precisa de comunicação rural

Dario Luís Borelli \*

O editor-chefe do programa "Globo Rural", jornalista Humberto Pereira, diz estar fazendo jornalismo *para* o agricultor brasileiro, sem discriminar o seu universo cultural ou tradicional. Depois que o "Globo Rural" foi ao ar pela primeira vez, no dia 6 de janeiro de 1980, diz Humberto Pereira que o agricultor passou a ver a si mesmo na televisão como personagem principal de um programa jornalístico, ainda que num horário marginal. "Não é o horário do 'Jornal Nacional', da novela das oito, mas, ainda que seja num horário marginal, há um espaço para o agricultor na Rede Globo", afirma.

O programa é exibido nacionalmente aos domingos, a partir das 8h e tem de 45 a 50 minutos de duração, em média, apresenta diferenças importantes em relação a outros programas jornalísticos da televisão brasileira. Uma de suas características é buscar a participação dos telespectadores através da seção de cartas, as quais são respondidas por meio de matérias gravadas *in loco* com técnicos ligados às instituições estatais de ensino, pesquisa e extensão rural. A reportagem especial sobre alguma questão, acontecimento, atividade ou serviço relacionado ao meio rural é veiculada sempre ao final de cada programa. Em 1983, a equipe do "Globo Rural"

\* Editor-assistente de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação. Mestrando em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

recebeu do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico — CNPq — o Prêmio José Reis de Divulgação Científica.

Além da proposta do programa “Globo Rural”, são assuntos da entrevista de Humberto Pereira a televisão como veículo de comunicação, o lançamento da *Revista Globo Rural*, no final do ano de 1985, a produção de estudos específicos sobre o programa “Globo Rural” e a formação de profissionais para a imprensa agrícola.

*INTERCOM* — Por que o programa “Globo Rural” é considerado hoje uma fonte de informação agropecuária indispensável para o homem do campo?

*Humberto Pereira* — Eu não tenho certeza que o programa “Globo Rural” seja uma fonte de informação agropecuária, não tenho certeza se ele é indispensável para o homem do campo, porque isso tudo é muito imponderável.

Não sei se o nosso programa é de informação agropecuária porque há outros tipos de informação, de abordagem de assuntos que são tratados dentro do programa. Na verdade, o que nós pretendemos estar fazendo é um programa *para* o agricultor brasileiro e não um programa *sobre* agricultura ou pecuária. E eu tenho certeza que nós não chegamos aos agricultores brasileiros, do ponto de vista quantitativo, pelo menos.

O nosso programa é um programa que abriga tecnologia, que abriga problemas de ordem agrônômica, biológica, mas também problemas de ordem econômica, de ordem sociológica, de ordem cultural. O fato de fazermos uma matéria sobre onça ou jacaré não traz nenhum aumento de produtividade de feijão ou de arroz, além de não curar doença de vaca no Brasil. No entanto, são assuntos que de uma forma ou de outra interessam, fazem parte do universo cultural desse homem que vive no interior ou de muitos que já foram tangidos do interior para a cidade.

Então, pretendemos cada vez mais conhecer e entender esse universo, o mundo do agricultor com tudo o que ele tem de cultural e tradicional. Fazer um programa apenas técnico em televisão, para esse homem do campo, seria fazer um programa que talvez corresse o risco de ser um pouco enfadonho, de discriminar partes da sua vida, interesses que ele tem, interesses que não são propriamente dele, mas de sua mulher. Quando fazemos, por exemplo, uma receita nova de um prato de mandioca ou de milho, para que possa interessar à mulher do agricultor, isso não tem nada a ver com a produção de feijão ou de arroz. Quando tratamos, por exemplo, das condições de vida do agricultor, seja as condições sociais de vida, como carteira de trabalho assinada, salários, greve de trabalhador rural, situação de bóia-fria, ou quando tratamos de problemas que são de ordem de saúde pessoal, como água, as endemias rurais etc., nós estamos tratando de problemas que dizem respeito ao homem que trabalha na agricultura e não à atividade apenas técnico-agrícola ou do seu negócio. Nos preocupamos com esse ho-

mem total; pelo menos, temos nos pautado assim, e a receita do "Globo Rural" é nessa linha.

É por isso que a nossa informação não é apenas agropecuária. Ela é agropecuária, mas vai além disso. Quanto ao fato de ser ou não indispensável, é uma outra pergunta que eu me faço. Eu acho o seguinte: o programa "Globo Rural" está sendo feito na Rede Globo de Televisão. O agricultor que está vendo esse programa tem televisão em casa, se não estaria vendo, é óbvio. Então, é um programa para quem tem televisão em casa, no vizinho, no salão paroquial, no clube, enfim, em qualquer lugar existe um aparelho de televisão. Ora, esse mesmo aparelho de televisão — é normal que se suponha — capta não só a Rede Globo, mas também o Sílvio Santos, a Bandeirantes, a Manchete, qualquer outra rede ou a televisão local. Portanto, supomos que o agricultor esteja vendo também o "Fantástico", as novelas, os outros programas jornalísticos, filmes, documentários estrangeiros, enfim, ele vê tudo que passa na televisão. O que acontece em relação ao "Globo Rural" é que ele é especialmente e pioneiramente o primeiro espaço dedicado na televisão brasileira ao agricultor, não só em relação a sua atividade, mas ao agricultor como personagem de um programa jornalístico de televisão.

O agricultor está acostumado a ver na televisão problemas de buraco de rua da cidade mais próxima, problemas políticos, problemas de ensino, problemas urbanos em geral, e a partir do "Globo Rural" ele passou a ver também a si mesmo dentro da televisão, ainda que num horário marginal. Não é o horário do "Jornal Nacional", da novela das oito, mas, ainda que seja horário marginal, há um espaço para o agricultor dentro da Rede Globo.

Mas a televisão como veículo é muito limitada. Ela não vai modificar sozinha a realidade do agricultor. A televisão não tem força para implantar o capitalismo no sistema feudal que ainda existe no campo. Pela sua natureza, a televisão não tem a virtude, em si mesma, nem de implantar o sistema capitalista onde existe o sistema feudal, pré-capitalista, que é o interior do Brasil, nem de fazer uma reforma agrária no País. Nem neste país, nem em país nenhum.

Essa televisão *broadcasting* é muito efêmera, extremamente sugestiva, insinuante. Tem, ao contrário de um milagre eletrônico, e dentro do seu processo, um sistema de comunicação que é o mais primitivo de todos: o oral e o visual. Independe da pessoa saber ler e escrever para entender o que a televisão está mostrando. Esta talvez seja uma das suas virtudes. Mas, na verdade, a televisão não passa de uma mágica extraordinária do nosso século.

Muitas vezes as pessoas falam: "Com o prestígio do 'Globo Rural', por que vocês não fazem a reforma agrária via 'Globo Rural'?" Isso é uma utopia. Ainda que se quisesse fazer, seria impossível. Você não faz reforma agrária nem em televisão, nem em rádio e nem em jornal. O poder de transformação da realidade é muito menor do que se pensa. E eu acho que temos que fazer um esforço

enorme no sentido de sermos humildes, de reconhecer muito mais as limitações do nosso programa do que propriamente a sua força.

As vezes a televisão induz o profissional que nela trabalha a ficar um pouquinho encantado. Mas esse profissional acaba "dançando". Felizmente, a equipe do "Globo Rural", até pela sua idade média, é constituída de gente que não precisa provar mais nada profissionalmente. Quer dizer, ela tem essa humildade de reconhecer que está atuando dentro de um veículo muito limitado em termos de comunicação. Nós achamos que, teoricamente, só se progredirá em termos de comunicação rural no Brasil — pelo menos no caso da televisão — na medida em que se entender bem os seus limites e as suas fronteiras em relação à realidade.

As pessoas acham que a Rede Globo muda o Brasil. Ao contrário, a Rede Globo é fruto do Brasil. Tem gente que acha que a televisão é ruim no Brasil. Ela é pior em outros países. Não existe uma televisão independente, seja de um governo, seja de uma ideologia, seja de um esquema comercial capitalista. Não existe em nenhum lugar do mundo. Se você for aos Estados Unidos ou à União Soviética e tentar dizer o que pensa, não vai conseguir. Como aqui no Brasil também. Vai tentar dizer as coisas que você eventualmente possa fazer dentro do seu coração em qualquer uma das redes de televisão. Não existe isso, é uma utopia. Mas não é um defeito do veículo ou da rede. É uma conjuntura que até agora é inevitável. O que se vai fazer? E pode até estar dependendo de muitas coisas, mas certamente não depende dos profissionais que trabalham em cada um desses lugares. Disso você pode ter a mais absoluta certeza.

*INTERCOM — Você concorda plenamente que o programa "Globo Rural", desde janeiro de 1980, quando foi ao ar pela primeira vez, tem se constituído em importante fator de integração do empresariado rural com o complexo agropecuário, em reforço à penetração do modo capitalista no campo? Por quê?*

*Humberto Pereira —* Quando você fala em complexo agropecuário, certamente está se referindo à indústria, à comercialização, eu diria, até, a uma era histórica da agricultura, que é cada vez mais tecnicizada no mundo inteiro, ou seja, a tecnologia que chega de uma maneira industrializada ao campo. Tudo isso eu acho que teria que ser muito bem definido.

O empresariado rural no Brasil é extremamente incipiente; não existe algo para chamá-lo assim. As lideranças são divididas. Você vê, por exemplo, três tipos de liderança. Um tipo de liderança é aquele que vive de dialogar constantemente com o governo, a fim de obter melhores condições de subsídios para o que fazem, ou de créditos, ou de uma política agrícola para tocar o negócio chamado agricultura. Que no fundo vem a ser agricultura de grãos, e no caso de produção de proteínas, o boi, o porco e o frango, resumidamente.

O segundo tipo de liderança está extremamente polarizado por uma ideologia que consiste em preservar a propriedade rural, em evitar o que eles acham que seja o "demônio" da reforma agrária. Este tipo, por sua vez, se contrasta com o terceiro tipo de liderança, que realmente saiu do estado feudal para cair no estado capitalista moderno. Mas esta é apenas uma parte do empresariado.

Coincidentemente, este tipo de empresário não precisa do nosso programa. Um Olacir de Moraes, por exemplo, que tem a fazenda Itamarati e uma equipe de agrônomos, de médicos veterinários etc., ou o Grupo Cotia, da família Brito, dispensam um programa como o "Globo Rural" para tocar os seus negócios. Eles até assistem e respeitam o programa como fonte de informação, mas os seus negócios independem completamente, não só do nosso programa como de qualquer outro programa jornalístico.

*INTERCOM* — Neste caso, atribuímos então ao programa "Globo Rural" um poder que ele não tem?

*Humberto Pereira* — Vocês atribuem à televisão um poder que na verdade ela não tem. É inegável que ela tem um poder enorme, mas de repente parece que a televisão é o grande demônio no Brasil. Não é. E tem mais: a televisão no Brasil é muito boa se comparada com outras televisões.

Vamos detalhar melhor os problemas e as virtudes da televisão brasileira, no caso específico do "Globo Rural". É um programa de rede. Então dizem: "A Rede Globo, ou o programa 'Globo Rural', está massificando o agricultor brasileiro, está dando um reforço à penetração do modo capitalista no campo". Muito bem. Do ponto de vista jornalístico — eu só estou respondendo pela parte editorial do programa — nós temos uma equipe volante que talvez hoje já esteja com oito anos. Trata-se da equipe de jornalismo com a maior quilometragem dentro do País. Do Acre ao Rio Grande do Sul. Nós vamos a cada rincão deste país, vamos a cada estado, a cada região. Nessas reportagens, quem fala é o agricultor, é o técnico, é o fazendeiro, é o bóia-fria lá, daquela tal região. Ele tanto entra no nosso programa com o sotaque nordestino, como entra com o sotaque meio polonês, meio ucraniano, do Paraná, como entra com o sotaque gaúcho, com o sotaque singelo do meu estado, que é Minas Gerais. O programa "Globo Rural" tem dentro de si todos os sotaques do Brasil.

Caberia perguntar então: nós estamos impondo o quê? Estamos impondo o sotaque gaúcho ao nordestino ou estamos impondo o sotaque nordestino ao mineiro? Nós não estamos fazendo um programa de São Paulo para o resto do País. Nós estamos fazendo um programa onde nós vamos nos próprios lugares. Com o maior respeito e a maior alegria colocamos no programa todos os sotaques. Então, veja o seguinte: quem entra no programa é o Brasil todo. Eu não sei se outro programa, outra proposta de "Globo Rural" teria condições de assegurar e respeitar isso. A nossa maneira de respeitar o Brasil inteiro é essa. Poderíamos, se qui-

séssemos, fazer um programa sem sair do estado de São Paulo, que interessasse ao Brasil todo do ponto de vista técnico. São Paulo é um estado onde você tem búfalo, tem soja, tem trigo, seringueira como na Amazônia, cacau no Vale da Ribeira, tem todos os climas e todos os produtos, e produtos muito bem cultivados, com alta tecnologia, modelo até para o resto do País. O búfalo de Aracatuba, por exemplo, dá de 10 no búfalo da Ilha de Marajó. No entanto, a primeira vez que fomos "fazer" búfalo, nós fomos na Ilha de Marajó "fazer" o búfalo de lá. Quer dizer, esse respeito é preciso ter. E mais: a empresa Rede Globo de Televisão nos tem dado condições de honrar essa diversificação de gente, de pessoas, de sotaques que entram no programa. Hoje, por exemplo, eu estou com uma equipe no Maranhão.

*INTERCOM — Quer dizer então que a equipe do "Globo Rural" tem autonomia jornalística para decidir onde ir e o que fazer?*

*Humberto Pereira — Quem diz aonde a nossa equipe vai somos nós aqui. Nós é que decidimos aonde ir e o que fazer.*

*INTERCOM — Não existe nenhum tipo de imposição, norma pré-estabelecida?*

*Humberto Pereira — Sim, existe. A imposição que temos é a seguinte: nós estamos trabalhando dentro da Central Globo de Jornalismo, que tem uma ética que nem é dela, mas do próprio jornalismo. Nós não fazemos *merchandising* nas matérias. No dia em que aparece um trator dentro de uma matéria nossa, aparece porque o trator estava lá. Nós não fomos procurar aquele trator e depois cobrar a fábrica porque ele entrou no programa. Isso o jornalismo da Globo não fatura. Nós também não mencionamos nenhuma marca de produto dentro do nosso espaço jornalístico. Quando se trata de um produto que temos que dizer o nome, damos apenas o seu princípio ativo e não a sua marca comercial.*

Em assuntos controversos nós procuramos ouvir as versões existentes a respeito. Eu não posso ser militante dentro do jornalismo que faço. Vou dar um exemplo. A questão mais apaixonante que existe hoje do ponto de vista da discussão e do debate entre ideologias no Brasil é, sem dúvida, a reforma agrária. Agora, se eu estou fazendo um jornalismo honesto, tenho que refletir dentro desse jornalismo o que acontece em relação à reforma agrária no país em que estou. Eu não posso criar ou forçar jornalisticamente a realidade. Se eu vou, por exemplo, em uma experiência de reforma agrária de uma fazenda e ela tem defeitos, tenho que criticar esses defeitos ainda que isso doa aos partidos de esquerda. Eu vou neste lugar ainda que doa ao sr. Ronaldo Caiado ouvir essa experiência. De outro lado, coloco o sr. Ronaldo Caiado dando uma opinião sobre uma determinada lei da Constituinte ou sobre um momento difícil dos agricultores. Eu tenho que refletir honestamente a realidade do País.

Dentro dessa ética procuramos evitar qualquer *lobby* que possa ser feito em cima do programa. Por exemplo, nós damos cotação de preços, que é uma das informações básicas dentro do programa. Antes do "Globo Rural", qualquer caminhão chegava na porta de um sítiozinho do interior mais remoto e comprava uma vaca, um bezerro pelo preço que o chofer do caminhão queria. O dono daquela pequena propriedade não tinha a mínima idéia de quanto andava o preço da arroba do boi. Com uma televisãozinha, às vezes movida a bateria, ele tem todos os domingos informação dos preços vigentes no mercado do boi. Evidentemente, o preço do boi que ele vai vender na porta do seu sítio é menor que o preço dado pelo "Globo Rural", mas ele já sabe fazer esse referencial. Esse tipo de informação em relação a todos os produtos tem evitado que o agricultor, principalmente o pequeno, perca muito do seu lucro nas mãos dos intermediários. Uma das maiores pragas que existem em relação à agricultura não é o agricultor, mas sim o atravessador. O atravessador é o cidadão que não plantou, não sofreu com o clima adverso, não sofreu com uma política agrícola às vezes incongruente, e chega na porta do sítio e compra o produto prontinho. Tantas sacas de arroz, 10 sacas de feijão, 210 de milho. Ele, sim, é quem lucra, sem prejuízo nenhum. Portanto, esse tipo de informação que damos está ajudando o agricultor a conservar um pouco mais a sua poupança. Isso nós fazemos a título de informação. Não influímos no preço nem para baixo, nem para os lados e nem para cima. Estamos apenas dando ao pequeno, médio e até mesmo ao grande agricultor o insumo fundamental que a sociedade urbana tem chamado informação. É uma informação ligada diretamente a sua atividade. Se você é jornalista ou está fazendo jornalismo, isso é uma coisa de mais alta importância para qualquer agricultor do mundo. Pois não podemos nos esquecer que a figura do atravessador é universal.

Eu também não posso negar um outro dado básico: a nossa economia é uma economia capitalista, é uma economia de mercado. Tutelada, vigiada ou não, é esta que está aí. Então, eu tenho que evitar que esse agricultor perca demais. Ele não tinha esse tipo de informação constante, seriada, todos os domingos, até o "Globo Rural" aparecer em 1980. O que é isso? Isso aí sou eu, o programa reforçar a penetração do modo capitalista no campo? Esta é uma pergunta que vem envenenada por um preconceito muito forte contra a Rede Globo e contra o trabalho que nós fazemos.

*INTERCOM — Você acredita que o programa "Globo Rural" inspira solidariedade aos produtores rurais, na medida em que encaminha e consolida suas reivindicações?*

*Humberto Pereira —* Eu acho que esta solidariedade tem vários aspectos que podemos lembrar. Em primeiro lugar, as reivindicações dos agricultores. É muito importante o fato desses agricultores terem um canal para reclamar, da mesma maneira que a mãe reclama do custo da escola no Rio de Janeiro, e da mesma maneira

que a favelada de São Paulo reclama do serviço precário de saúde que o estado de São Paulo e a União lhe dão. Quer dizer, poder falar, colocar suas broncas no ar, é uma coisa importante. Brasília ouviu, as pessoas que são direta ou indiretamente responsáveis por essa situação ouvem. Então, você dá uma dimensão a essa reclamação ou a essa reivindicação que elas merecem.

Um outro aspecto que eu acho muito importante dessa solidariedade é o seguinte: a cidade, em geral, não tem muita idéia dessa atividade do homem do campo, embora seja a maior beneficiária de tudo o que o homem do campo faz. Quer dizer, você diariamente, ou pelo menos de manhã, na hora do almoço ou na hora do jantar, está sobrevivendo às custas daquilo que o nosso agricultor produz. Todo mundo. Os políticos de Brasília, o pessoal da UDR, o pessoal do PT, o pessoal do PDS, o pessoal do Partido Verde, todo mundo neste ponto é igual. Come feijão, come arroz, come bife, come ovo, alguma coisa eles estão comendo e bebendo. Isso é fruto do trabalho no campo. Agora, quem apenas come e bebe, pois já recebe pronto no prato, em restaurantes e lanchonetes, não tem muito conhecimento de tudo o que está por trás daquele ovo, daquela polenta ou daquele franguinho a passarinho. Então, eu acho que na medida em que você mostra esse universo dentro da televisão, o homem da cidade passa a ter conhecimento dessas atividades importantíssimas para todos nós.

Alimentação, saúde, transporte e educação são quatro coisas básicas. Agora, a alimentação tem um universo por trás muito maior do que o do transporte ou do que o da educação. Você pode viver sem ir a uma escola, mas não pode viver sem comer, sem beber. A alimentação é o mais básico de todos. É preciso, portanto, que o homem da cidade se solidarize com a fonte do seu alimento, que é feita por seres chamados agricultores, pecuaristas, bóias-frias e outros. Aliás, tem mais: hoje em dia a pessoa que anda de carro na cidade está andando em carro movido a álcool, que é feito de cana colhida por bóia-fria. Você, por exemplo, está aí vestido com uma calça *jeans* e uma camiseta, ambos de algodão. Este algodão também vem de lá, sabia? Quer dizer, você come, se veste e anda de carro às custas da agricultura brasileira.

*INTERCOM — Em que medida o lançamento da Revista Globo Rural, no final do ano de 1985, propiciou uma maior eficácia para as informações geradas pelo programa "Globo Rural"?*

*Humberto Pereira — Olha, isso aí é uma coisa que vem de encontro ao que eu dizia antes, ou seja, a televisão é muito limitada. Há uma frase de um agricultor que exprime muito bem isso: "Na televisão, as reportagens são boas, é tudo muito importante, mas muito passageiro". Isso quer dizer o seguinte: a televisão, assim como o rádio, é um veículo que está atrelado ao tempo. Tem uma hora de entrar no ar, tem uma duração determinada e uma hora de sair do ar. O dia só tem 24 horas, é inelástico. O tempo é inelástico, implacavelmente inelástico. Então, toda a informação que você consegue colocar den-*



tro daquele tempo, daquela duração, é limitada. Além de ser limitada, ela tem esse caráter de efemeridade, isto é, passa, se esvai na medida em que acabou de passar. Essa é a maior limitação dos veículos eletrônicos. Mesmo essa exuberância da imagem, essa facilidade de comunicação oral não conseguem suprir essa limitação.

Então, houve inúmeras, milhares de cartas desde o começo do programa, pedindo que publicássemos aquilo que estava indo ao ar. Por quê? Porque uma vez publicado, em forma de jornal, boletim ou revista, o cliente, as pessoas que se interessam pelos temas veiculados na televisão teriam, num veículo que não é temporal, mas sim espacial, a possibilidade de recorrer, a qualquer hora, de ler aquela reportagem mais de uma vez, de voltar atrás. Não podendo ler hoje, deixa para ler amanhã ou depois de amanhã, ou para daqui a um mês ou no ano que vem, quando ele vai plantar novamente. Isso tudo, que de uma maneira muito singela era pedido, trata-se daquela coisa dos multimeios complementares, da mídia, que se complementa com veículos de comunicação de natureza diferente.

Então, a *Revista*, que tem quase trinta por cento de material comum que aparece na televisão e nela mesma, vem complementar essa deficiência da televisão, sendo que não se trata apenas, no caso da *Revista Globo Rural*, de uma cópia daquilo que vai para a televisão. Trata-se, exatamente, de uma abordagem que aprofunda muito mais informações, porque, ao contrário da televisão, ela é elástica. Se eu tenho, por exemplo, um assunto que precisa de mais dez páginas, posso aumentar indefinidamente a edição, dentro de uma equação econômica da própria *Revista*.

Mas então se trata esses assuntos de uma maneira diferente, de uma maneira própria desse veículo. E nós estamos, brevemente, dentro de uns dois ou três meses, para lançar num outro veículo, que é o rádio, um "Globo Rural Rádio". Este programa viria suprir uma outra deficiência que não pode ser complementada nem pela *Revista* nem pela televisão. A *Revista* é mensal, a televisão é semanal. Há uma série de informações que acontecem hoje, são importantes hoje, e que eu deveria dá-las hoje para o agricultor. Só com um tipo de veículo que tem a agilidade do rádio é que eu posso fazer isso. Então um programa de rádio me permitiria, por exemplo, dar informação meteorológica, coisa que eu não posso fazer hoje num programa semanal e muito menos numa revista mensal. As cotações são tão importantes que precisariam ser acompanhadas diariamente. Cotações de todos os preços. As decisões políticas de Brasília teriam também que ser comentadas diariamente, principalmente aquelas que dizem respeito ao setor. No caso de Brasília, temos inúmeros ministérios — Ministério da Indústria e Comércio, Ministério da Agricultura, Ministério da Fazenda — que tratam de agricultura. Alcool e café estão no Ministério da Indústria e Comércio. Decisões econômicas estão no Ministério da Fazenda. Um surto de febre amarela, por exemplo, está no Ministério da Saúde. Precisaríamos do rádio para suprir isso. Então, faríamos um tripé de multimídia que nos ajudaria a ser um pouco mais eficazes, conforme você alude em sua pergunta.

*INTERCOM — Qual a relevância da produção de estudos específicos sobre o programa “Globo Rural”?*

*Humberto Pereira* — Quando um engenheiro agrônomo ou um pesquisador da comunicação faz um estudo sobre o nosso programa, ele nos obriga a pensar, nos obriga a checar aquilo que nós estamos fazendo, nos obriga a reavaliar o nosso trabalho. Ou ele nos dá insegurança a respeito de uma coisa ou de outra, ou reafirma certezas e até nos propõe caminhos novos. Eu acho isso da maior importância.

É curioso que entre toda a programação da televisão brasileira, de um tempo pra cá, justamente o “Globo Rural” tenha merecido tantos estudos. No momento nós estamos com um pedido de estágio de uma professora de Viçosa que está desenvolvendo uma tese. Já houve outros da Universidade de Viçosa. Lavras já fez trabalho sobre o “Globo Rural”. Gosto muito de dialogar com os pesquisadores, ainda que tenhamos debates calorosos a respeito de vários itens.

*INTERCOM — Você tem sugestões a dar sobre a formação profissional de repórteres e redatores para a imprensa agrícola?*

*Humberto Pereira* — Eu poderia responder a isso numa única frase. O jornalista agrícola para ser um bom jornalista agrícola tem que ser um bom jornalista. Ele será um bom setorista na medida em que desenvolver suas ferramentas profissionais jornalísticas. O bom profissional sabe que se ele entra dentro de um setor, tem que entrar mesmo a cabeça dentro desse setor.

O jornalista de esporte, por exemplo, não é obrigado a saber a diferença entre gramínea e leguminosa. Chega uma hora em que o jornalista que vai mexer com agropecuária tem que saber isso, se não ele sai do setor. Como jornalista agropecuário ele não é obrigado a saber, com muita precisão, a diferença entre o meio-armador e o volante, o que é um, o que é outro dentro do campo.

De toda forma existe o seguinte: o jornalista que trabalha com agropecuária, dentro desse setor rural — eu prefiro chamar de rural do que de agropecuário, pois o rural engloba tudo —, tem que se informar muito sobre esse mundo no qual vai trabalhar.

O jornalista que talvez seja filho de um fazendeiro não é necessariamente o melhor jornalista agropecuário. O jornalista que tem um sítio também não é necessariamente o melhor. O melhor jornalista rural é, simplesmente, o melhor jornalista.

Há uma outra coisa que está por trás disso que eu contesto muito: comunicação rural. Eu sei que existe uma associação de comunicação rural. O mundo inteiro se preocupa cada vez mais em se comunicar com o homem do campo. Eu disse que estou dentro de um canal de televisão que já tem outros programas que o agricultor vê todos os dias. Então, na verdade, para eu chegar bem até ele tenho que desenvolver a minha capacidade de comunicação, sem adjetivo, entendendo de elementos que são básicos, fundamentais

dentro da comunicação de televisão. Procurar falar numa linguagem linear, ordem direta. As palavras devem ser bem pronunciadas. Se eu puder evitar o microfone, melhor. Usamos muito microfone sem fio, microfone direcional. O que eu quero dizer é que o bê-a-bá da comunicação serve tanto para se fazer comunicação rural como para se fazer comunicação esportiva, científica e qualquer outra. O que deve ser desenvolvido é a comunicação. Você quer ser um bom comunicador na área rural? Trabalhe naquela linha que estava lhe dizendo há pouco. Se for em televisão, procure conhecer os seus limites. Conhecendo bem esses limites, você vai se desenvolver, vai conseguir ultrapassar as pedras que aparecerem no caminho.

Evidentemente o conhecimento da realidade rural é fundamental. Não adianta você passar três, quatro anos dentro de uma escola aqui em São Paulo ou em Belo Horizonte, se você nunca viu uma vaca, nunca entrou numa cooperativa, nunca entrou sequer numa loja de produtos agropecuários aqui na cidade, nunca viu uma reunião de um sindicato de trabalhadores rurais ou de um sindicato rural, e não lê o que se publica a respeito desse setor.

*INTERCOM — Você acha que as escolas de jornalismo podem dar uma contribuição no sentido de incentivar os alunos a procurar este tipo de informação?*

*Humberto Pereira* — Essa é uma discussão a respeito da universidade brasileira, que é aquela coisa que às vezes dá raiva, sabe? Eu acho que ela está conseguindo ser pior do que o jornalismo brasileiro. Eu aceito as críticas ao jornalismo brasileiro, inclusive as críticas oriundas da universidade. Mas, infelizmente, o nosso país está num estado tal de desagregação que a universidade hoje está numa situação precaríssima. Você sai da faculdade, hoje, de mãos vazias, sem ferramentas para trabalhar.

As escolas de jornalismo podem dar uma contribuição nesse sentido. Mas será que elas têm condições de dar esse instrumental aos estudantes? Por um acaso elas estão atentas para isso? Então, a formação efetiva do profissional acaba acontecendo via sua determinação em adotar o jornalismo como profissão. Há um problema sério aí: o jornalismo não pode ser emprego. Jornalismo é uma profissão. O que se procura é um profissional do jornalismo. No fundo você tem que abraçar essa profissão quase que vocacionado mesmo. Eu acho que é necessário ter vocação para ser jornalista. É lógico que não estou falando aqui do cara que quer aparecer como jornalista, indo trabalhar na televisão para o conforto e a massagem do próprio ego, ou do cara que quer exercer o poder como jornalista. Não. O jornalista só é jornalista quando trabalha em benefício da comunidade. O jornalista lida com um insumo, que é a notícia, a informação, que não tem nada a ver com ele, é uma coisa que ele busca onde está escondida, e revela isso através dos meios de comunicação para toda a comunidade. O jornalista que entra no ramo rural não escapa disso. Ele vai ser tanto melhor jor-

nalista quanto conseguir exercer isso. É aquela coisa que eu estava lhe falando: por que nós vamos ao interior de Pernambuco ouvir o cara que está lá numa frente de trabalho durante uma seca? Em 1982-83-84 nós cansamos de fazer isso. Por quê? Tecnicamente, eticamente, o modo de nos comunicarmos melhor com o Brasil é esse. Isso é exercício de jornalismo, simplesmente. Jornalismo é uma profissão sem adjetivo.

Quando falamos de jornalismo rural, não raras vezes ouço o seguinte raciocínio: "Bom, o homem do campo é um ser especial. Ele é analfabeto, não entende bem as coisas como a gente entende". Ou seja, é um ser inferior. O que é isso? Isso é uma atitude paternalista, ruim, em relação ao agricultor. Quando nós fizemos a *Revista Globo Rural*, algumas pessoas de fora disseram: "Uma revista rural pode ser feita em papel-jornal". Eu disse: "Não, nós vamos fazer a *Revista Globo Rural* em papel-cuchê". O agricultor é um cidadão igualzinho ao cidadão da cidade. Por que a revista *Veja*, a revista *Manchete*, todas as revistas são em papel-cuchê e a do agricultor vai ser em papel-jornal? Por quê? Agora eu pergunto: por que é necessário comunicação rural? O agricultor tem que ter comunicação e jornalismo para ele, sem adjetivo.

Eu mesmo não pretendo estar fazendo comunicação rural, mas sim estar falando para o agricultor como um homem completo. E quanto mais eu falo ao agricultor, mais eu atinjo o pessoal da cidade, porque estou fazendo uma comunicação que é direcionada mas não é preconceituosa. Quando faço uma matéria sobre a onça, que é uma matéria de ecologia, o "Globo Repórter" utiliza também a mesma matéria. Eu fiz pensando no agricultor, que precisa preservar a onça brasileira.